



## O preço do título: um ensaio sobre a inserção no campo da pós-graduação *stricto sensu*

---

Maria Julia Pegoraro Gai,  
Vânia Medianeira Flores Costa,  
Andrieli de Fátima Paz Nunes  
Camila Borges Fialho

*Eixo temático: Protagonismo responsável ao trabalho*

**Resumo:** Este ensaio se propõe a discutir sobre o ambiente da pós-graduação *stricto sensu* e de como se dá a inserção dos alunos nos cursos de mestrado e doutorado, uma vez que, além dos requisitos avaliados nas seleções, este ambiente requer que os estudantes se adaptem a este ambiente para assegurar a manutenção da permanência no mesmo. Assim, este trabalho discorrerá a respeito do “preço a ser pago” para permanência na pós-graduação *stricto sensu*, o qual muitos estudantes desconhecem antes de estarem inseridos nesses programas, o que influencia diretamente em suas vidas em diversos aspectos. Para a análise proposta, foram utilizados os conceitos de Bourdieu, elucidados em sua obra “O Poder Simbólico”, de 1989.

**Palavras-chave:** pós-graduação; campo; *habitus*; violência simbólica.

### **Introdução**

O ambiente dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* é marcado por seu potencial de desenvolver os estudantes, principalmente no âmbito acadêmico, mas também, no que diz respeito ao crescimento pessoal dos mesmos. Isso acontece por este meio possuir características singulares, que o diferencia de outros espaços da sociedade e mesmo dentro da própria universidade.

A respeito do desenvolvimento desses programas no Brasil, Costa, Sousa e Silva (2014) elucidam que os cursos de pós-graduação *stricto sensu* obtiveram crescimento a partir dos anos 2000, em função de mudanças no acompanhamento dos programas por parte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Os autores ainda mencionam que isso gerou diversos resultados, entre os quais então o maior número de pessoas com título de mestre e/ou doutor, além das que ainda estão em processo de titulação.

Tendo isso em vista, este ensaio se propõe a discutir sobre o ambiente da pós-graduação *stricto sensu* e de como se dá a inserção dos alunos nos cursos de mestrado e doutorado, uma vez que, além dos requisitos avaliados nas seleções, este ambiente requer que os estudantes se adaptem a este ambiente para assegurar a manutenção da permanência no mesmo. Assim, este trabalho discorrerá a respeito do “preço a ser pago” para permanência na pós-graduação *str sensu*, o qual muitos estudantes desconhecem antes de estarem inseridos nesses programas, o que influencia diretamente em suas vidas em diversos aspectos. Para a análise proposta, utilizou-se os conceitos de Bourdieu, elucidados em sua obra “O Poder Simbólico”, de 1989.

Cabe salientar que esse ensaio visa refletir e questionar sobre o assunto, não esgotando as discussões e diferentes pontos de vista a respeito. A relevância da temática se dá pela expansão

dos programas de pós-graduação e pelo número crescente de mestres e doutores titulados. Com base nos dados da CAPES de 2017, finalizaram seus cursos, recebendo o título do curso 50.306 mestres e 21.393 doutores. Além disso, a literatura a sobre a temática é ampla, mas grande parte dos estudos enfocam questões relacionadas a políticas públicas de ensino superior, estrutura, implementação e avaliação dos programas e mapeamento de índices de diplomação (SILVA & BARDAGI, 2015). Por isso torna-se relevante discutir-se a respeito do espaço e das relações tão marcantes presentes neste meio.

Dessa maneira, para atingirmos os objetivos propostos, discutiu-se sobre o campo e o *habitus* da pós-graduação, com questionamentos sobre o capital e a violência simbólica nas instituições de ensino e das Consequências da cultura da competitividade e violência simbólica. Por fim, realizou-se as considerações finais sobre a discussão realizada neste ensaio.

### ***O campo e o habitus da pós-graduação***

O conceito de campo é explicado por Bourdieu (1989) como um espaço em que os agentes comungam da mesma representação simbólica. Os aspectos que tornam um campo diferente dos demais são os símbolos e o poder simbólico que cada um deles representa, sendo reconhecidos e valorizados apenas pelos integrantes do campo. É um poder invisível, cuja existência somente é possível devido a cumplicidade dos agentes, uma vez que ou os mesmos então sujeitos a esse poder simbólico ou acabam fazendo uso dele. Essa relação acaba se estabelecendo de maneira velada entre os agentes envolvidos.

Dessa maneira, os símbolos tornam-se instrumentos para a integração social, e o conhecimento dos mesmos é um fator fundamental para a inserção no campo. Bourdieu (1989, p. 9) explica que “os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados”. Tendo isso em vista, cabe salientar que os símbolos contribuem para a construção e reprodução da ordem social.

As produções simbólicas podem ser manipuladas como instrumentos com fins de dominação, já que podem associar-se com os interesses das classes dominantes, reforçando o estabelecimento de distinções hierárquicas. Aliado ao conceito de campo, o *habitus* refere-se à constituição do pensamento que é decorrente de uma construção social, sendo um conhecimento adquirido, incorporado ao agente. É despertado nos mesmos considerando o compartilhamento dos símbolos do campo. Dessa maneira, exerce influência nos comportamentos, maneira de pensar, sentir e relacionar-se com os demais agentes do campo (BOURDIEU, 1989). Tendo esses conceitos em vista, torna-se mais possível iniciar uma análise estrutural do campo da pós-graduação, evidenciando os poderes simbólicos contidos no mesmo e esclarecendo o funcionamento desse *habitus*.

No que se refere ao campo da pós-graduação, para ingressar no mesmo, é necessário que os estudantes passem pelo ritual de seleção, que analisa quais os candidatos mais aptos, naquele momento, para ocupar a posição de mestrandos ou doutorandos. Nesses rituais, analisa-se, quais

alunos demonstram possuir maior capital cultural – o qual o conceito também é elucidado por Bourdieu (1989) e será elucidado no decorrer do texto –, por meio da avaliação do currículo *lattes*, provas sobre conhecimentos específicos da área e inglês e mesmo a avaliação de anteprojetos. Os detentores de mais troféus conforme a simbologia do campo, acaba recebendo autorização para entrar no mesmo, passando a fazer parte dele.

Já inseridos neste campo, torna-se mais difícil para os novatos percebê-lo, uma vez que seus símbolos só são vivenciados em sua plenitude com a vivência no mesmo. Ainda a respeito do campo, Bourdieu (1989, p. 8) explica que “é necessário descobri-lo onde ele se deixa ver menos”, ou seja, é um espaço marcado por aspectos que acabam sendo ignorados porque dificilmente são reconhecidos sem uma análise com certo distanciamento. As pessoas que fazem parte desse campo estão tão submersas no mesmo que acabam possuindo dificuldade para discernir o que torna este campo peculiar e diferente dos demais.

Um ponto a ser considerado a respeito dos novos pós-graduandos é que muitos acabam saindo dos cursos de graduação e se deparam com uma realidade completamente diferente. Apesar de indicarem uma vinculação mais recente com o ambiente universitário, que obviamente possui aspectos em comum com o da pós-graduação, os mesmos possuem muitas diferenças, que apesar da aproximação do campo em questão, os novos estudantes não têm como ter acesso prévio de maneira total, uma vez que antes não estavam submetidos ao poder simbólico existente na pós-graduação, e assim, não possuíam a cumplicidade necessária para serem afetados por esse poder. Aos que já estavam no mercado de trabalho e retornam a universidade acabam vivenciado uma mudança um pouco maior, requerendo um outro tipo de adaptação.

Entre os símbolos do campo da pós-graduação, um dos principais é a avaliação da Qualis realizada pela CAPES, que categoriza os programas e as revistas científicas, dotando de maior valor simbólico os melhores avaliados. Dessa maneira, alunos com artigos publicados em revistas de Qualis A, por exemplo, possuem troféus com um bom capital simbólico neste campo. Além disso, o volume de trabalhos também é um ponto de destaque, uma vez que, de maneira geral, é realizado um somatório de pontos decorrentes das publicações contidas no currículo *lattes*.

A respeito do sistema de avaliação proposto pela CAPES, Moreira, Hortale e Hartz (2004) já mencionavam que este método tende a nivelar a qualidade do ensino considerando o volume e qualidade das publicações, a qualificação dos professores, a carga horária e as orientações programáticas, mas não realiza avaliações quanto a satisfação dos alunos e resultados das estratégias de ensino e avaliação. Esse modelo de avaliação pouco foi alterado e ainda divide opiniões, conforme Rosa (2008), que elucida que alguns defendem o sistema pois entendem que incentiva a produção, delineando critérios objetivos para avaliá-la. Por outro lado, existem aqueles que avaliam esse modelo como um grande erro da academia, uma vez que impõe que os pesquisadores publiquem resultados preliminares de estudos quando não finalizados, influenciando negativamente a livre reflexão desses profissionais.

Além disso, a formação inicial dos pós-graduandos também é um ponto a ser considerado. Os estudantes “forasteiros”, ou seja, aqueles que possuem uma formação diferente daquela

do curso da pós-graduação, além de terem que se inserir no campo da pós-graduação, concomitantemente, precisar adaptar-se e reconhecer os símbolos da área a que se propôs a inserir-se. Apesar de apresentar semelhanças conceituais com a sua formação de origem, o novo campo possui uma relação distinta quanto ao poder simbólico vigente.

A temática de pesquisa também é uma questão com ampla simbologia. Alguns temas de pesquisa possuem maior poder simbólico, uma vez que são mais bem vistos, seja por possibilitar uma maior possibilidade de resultados que originem lucro ou por lidarem com objetos tidos como sagrados pela sociedade (como o corpo vida, morte etc). Somada a essas questões, alia-se a definição do professor orientador, que tendo em vista seu histórico dentro do curso, já possui um acúmulo de capital simbólico dentro da organização e passa ter uma representatividade perante os demais agentes do campo.

Evidentemente, existem outros símbolos atrelados ao campo da pós-graduação. Todos esses indicam a posse de poder simbólico e, para compreender melhor em função de que acontece essa diferenciação entre as questões simbólicas citadas acima, é necessário compreender o conceito de capital de Bourdieu (1989), apresentado na seção seguinte, contribuindo para um melhor entendimento a respeito da violência simbólica no contexto em questão.

### ***Capital e violência simbólica nas instituições de ensino***

O campo social é visto, por Bourdieu (1989), como um espaço com lutas intermitentes dos agentes que criam e buscam maneiras de manterem ou ascender sua posição social. Para isso, fazem uso de estratégias, que se relacionam com os diferentes tipos de capital descritos pelo autor, que distingue entre capital econômico, cultural, social e simbólico. O autor explica que o capital econômico se relaciona aos bens materiais, renda, imóveis – dinheiro, mais especificamente. Já o capital cultural, por sua vez, refere-se a saberes e conhecimentos, especialmente os reconhecidos por diplomas e títulos. Em sequência, o capital social está associado a relações e contato com pessoas que podem trazer benefícios, ou seja, que podem ser revertidas em capital. Por fim, o capital simbólico refere-se ao prestígio, reconhecimento e honra de um agente dentro de seu campo.

Dessa maneira, as posições sociais passam a ser definidas de acordo com a disponibilidade e uso desses capitais dos agentes do campo. Cabe salientar que os professores acabam possuindo uma maior propensão a realizar violência simbólica para com seus alunos, em função desse desequilíbrio entre capitais, natural na díade aluno/professor em função da diferença hierárquica e de trajetória profissional. Moreira, Hortale e Hartz (2004) já criticavam o sistema de avaliação da pós-graduação, indicando que não há espaço para o cientista tornar-se professor, uma vez que deixa de lado a perspectiva pedagógica em função da necessidade de aumentar seu número de publicações, ou seja, tornar maior seu capital simbólico.

A respeito da interação entre os agentes do campo, Bourdieu (1989) explica que as relações de comunicação sempre são relações de poder e são dependentes de sua forma e conteúdo e do

poder material ou simbólico possuído pelos agentes ou instituições em questão.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <sistemas simbólicos> cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <domesticação dos dominados> (BOURDIEU, 1989, p. 11).

A cultura dominante busca a manutenção dessa estrutura, visando a desmobilização dos dominados. Para isso, colabora para a integração da classe dominante, facilitando a comunicação dos seus membros e diferenciando-os dos demais e busca legitimar

a ordem instituída por meio de distinções hierárquicas (BOURDIEU, 1989).

A partir dessas explicações podemos compreender melhor alguns aspectos que estão presentes nas relações entre professores e alunos, os agentes do campo da pós-graduação. As instituições de ensino têm por característica uma estrutura hierárquica e, entre a relação professor/aluno não é diferente. Apenas de essa cultura estar modificando-se aos paulatinamente, ainda é um traço bastante forte da educação brasileira. Além disso, a violência simbólica também pode estar presente nas relações entre os pares (professores com professores e estudantes com estudantes), manifestando-se no cotidiano na academia.

Nessa relação entre os estudantes, um aspecto interessante a ser considerado é que, comumente, os alunos vão alterando o seu vocabulário, passando a utilizar termos mais rebuscados, muitas vezes só conhecidos pelos pertencentes ao campo. Assim, podem deixar claro aos demais que está inserido e bem situado ao simbolismo pertencente ao campo e consequentemente dotar-se de capital, de poder simbólico e exibir essa detenção aos demais. Isso faz com que se crie uma cobrança para os outros estudantes também assumirem essa postura, como um requisito para estar no campo.

Além disso, a instituição de origem, bem como o curso de graduação de origem dos estudantes também é dotada de simbolismo. Ser de uma instituição reconhecida e bem-conceituada perante a sociedade e academia, permite ao estudante estar imune a certas provações para inserir-se no campo.

A pressão pelo *ranking* de pontuação de trabalho conforme a Qualis avaliada pela CAPES e editais do programa passa a ser um sentimento constante. Aos estudantes melhor ranqueados, são destinadas as bolsas de estudo dos programas, que para muitos é um fator indispensável para dar continuidade ao curso por não possuírem outra maneira de sustento. Somado a isso, estão as de notas nas disciplinas, onde claramente se pode perceber essa luta por poder simbólico entre os alunos.

A respeito dessa cobrança por produtividade, Rosa (2008) reflete que essa ligação entre tempo e produção pode ser associada a crítica marxista a respeito do capitalismo industrial, ou seja, quanto mais rápido se produz, maiores resultados aos que conseguem transpassar os limites do tempo e assim, inicia-se a concorrência por pontos. A autora ainda menciona que isso

sirva de justificativa para a pressão institucional originada em função dessa lógica, tornando o “rápido” sinônimo de algo positivo, normal e o “lento” como anormal, atrasado e ineficiente. Assim, aos que não conseguem seguir esse ritmo de produção, cabe a exclusão, uma vez que influenciam negativamente a produtividade.

Consoante a este questionamento, Bento (2014) relata que a inserção do termo “excelência” no vocabulário da universidade e questiona se o mesmo permite manter os ideais filosóficos e antropológicos elencados na refundação da universidade moderna.

Ainda, o autor explica que esse termo se inseriu nesse âmbito pois nele

encontram eco as exigências de um estado avaliativo, controlador, disciplinador, fiscalizador, humilhador, policial, punitivo e vexatório, que tudo quer medir e avaliar em termos de eficácia, eficiência e lucro, num jogo de soma zero em que só há vencedores e vencidos, ganhadores e perdedores, uma espécie de ideal eugenista visando apurar os excelentes, fortes e melhores e descartar e eliminar os bons, os medianos, fracos e piores (BENTO, 2014, p. 695).

Dessa maneira, percebe-se que a modo de avaliação dos programas de pós-graduação recebe inúmeras críticas, especialmente em função da necessidade de alta produtividade. No entanto, conforme Furtado e Hostins (2014), esse modelo passou e ainda passa por muitas mudanças ao longo dos anos, e as críticas construtivas certamente contribuem para o e amadurecimento e aprimoramento nesse processo.

No que diz respeito aos professores, a violência simbólica é facilitada pela diferença hierárquica e de capital simbólico entre as partes. As manifestações podem acontecer de várias maneiras: repressão a comentários durante as aulas, controle excessivo, punições, atos incivis, entre outros. Na maioria das vezes, esses fatos acontecem de maneira velada, podendo até ser configuradas como assédio moral, o qual Guimarães, Faria e Ferreira (2010, p. 1) explicam que

apesar de sua alta incidência, seu poder destrutivo é pouco notado: por um lado porque aparece de forma dissimulada em meio ao autoritarismo de alguns professores amparado pela educação tradicional; e, por outro lado, devido à naturalização dessas práticas tanto por parte dos alunos quanto pela sociedade.

Além destes casos, Costa, Sousa e Silva (2014) mencionam o fato de alguns professores exigirem que seus alunos não participem de outros grupos de estudos ou pesquisa, ou que tenham colaborações de outros professores e alunos, muitas vezes impondo o seu ponto de vista, dificultando a existência de um diálogo na relação, ainda que o discurso aponte para a importância de um relacionamento educativo e formativo entre orientador e orientando. Ainda, os autores mencionam que essa postura autoritária, de detenção de poder por parte do professor, pode originar um apagamento da opinião do estudante, uma baixa na autoestima do mesmo e, ainda, fortalecer uma relação de dependência do orientando para com seu orientador.

Um fator que influencia nessa relação é exposto por Bento (2014), que menciona a imposição e pressão para que os professores orientem cada vez mais alunos, sendo uma consequência disso uma baixa na qualidade da orientação e, conseqüentemente, da formação desses estudantes. A respeito dessa cobrança aos professores, Martins e Honório (2014)

contataram que as concepções educacionais aparentam estar tendenciado aos princípios “mercadológicos”, corroborando a competitividade no meio educacional. Nesse sentido o significado dessa corrida na pós-graduação para formar mestres e doutores é questionado por Soares (2018) que menciona o grande empenho por parte dos pesquisadores e professores, em um ambiente que, de maneira geral, tem por característica ser burocratizado e pouco propício, para a obtenção de padrões qualidade e produtividade dos países desenvolvidos.

Cabe salientar que, somado a tudo isso, é necessário considerar as questões referentes ao campo social mais amplo, que não deixam de influenciar no campo específico da pós-graduação, como questões de gênero, econômicas, sociais e raciais, entre outras.

### ***Considerações finais***

Este estudo visou discutir sobre o ambiente da pós-graduação *stricto sensu* e de como se dá a inserção dos alunos nos cursos de mestrado e doutorado, uma vez que, além dos requisitos avaliados nas seleções, este ambiente requer que os estudantes se adaptem a este campo para assegurar a manutenção da permanência no mesmo. Para a realização desta análise, utilizou-se os conceitos de Bourdieu (1989) a respeito de campo, *habitus*, capital simbólico e violência simbólica.

Dessa maneira, através deste estudo, foi possível analisar diversos aspectos presentes no campo da pós-graduação no que diz respeito a violência simbólica na relação entre docentes e discentes. Nesta perspectiva, Bento (2014) enfoca a importância da formação de mestres e doutores em conhecer o ambiente onde estão inseridos e que os mesmos reflitam sobre sua função.

Ao fazer uma comparação com a música, Bourdieu (1989) entendia que não bastava que a mesma fosse meramente escutada. Deveria, por sua vez, oferecer os princípios para composição de novas melodias, assim como o conhecimento já existente. Assim, é possível utilizar o conhecimento a respeito do ambiente da pós-graduação e buscar abandonar essa cultura pouco colaborativa, recriando o meio universitário para gerar resultados produtivos para a comunidade acadêmica e para a sociedade.

De maneira geral, pode-se observar que o campo em questão vem sendo transformado, com maior número de interesse dos profissionais para com a carreira universitária e crescimento do número de universitários e de pós-graduandos na busca por orientação profissional. A partir disso, percebe-se a importância de estudos que busquem entender o como se dão as escolhas profissionais no período da pós-graduação e compreender quais as expectativas dos estudantes no que diz respeito a entrada do mercado de trabalho (SILVA & BARDAGI, 2015).

Para pesquisas futuras, recomenda-se a inserção de métodos qualitativos, como entrevistas, que permita identificar o comportamento dos discentes e docentes, realizando-se uma análise prática do ambiente da pós-graduação *stricto sensu*.

### ***Referências bibliográficas***

- BENTO, J. O. Do estado da universidade: metida num sarcófago ou no leito de procrustes? Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior**: Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, 2014.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. **Sistema de informações Georreferenciadas - GeoCapes**. 2017. Disponível em: <<https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>>. Acesso em: ago. 2018.
- COSTA, F. J.; SOUSA, S. C. T.; SILVA, A. B. **Um modelo para o processo de orientação na pós-graduação**. RBPG, Brasília, v. 11, n. 25, 2014.
- FURTADO, H. L.; HOSTINS, R. C. L. Avaliação da pós-graduação no Brasil. **Rev. educ. PUC-Campinas**: Campinas, 19(1), 2014.
- GODOI, C. K.; XAVIER, W. G. **O Produtivismo e suas Anomalias**. Cad. EBAPE.BR, v. 10, n. 2, opinião 1, Rio de Janeiro, 2012.
- GUIMARÃES, L. V. M.; FARIA, R. C. V.; FERREIRA, D. T. B. S. **Sala de aula e perversão: uma análise psicanalítica acerca da relação professor x aluno**. Encontro da Anpad, 34, Rio de Janeiro, 2010. Anais... Rio de Janeiro: Anpad, 2010.
- MARTINS, A. A. V. HONÓRIO, L. C. **Prazer e sofrimento docente em uma instituição de ensino superior privada em Minas Gerais**. Organizações & Sociedade: Salvador. v. 21, n. 68, 2014.
- MOREIRA, C. O. F.; HORTALE, V. A.; HARTZ, Z. A. Avaliação da pós-graduação: buscando consenso. RBPG, **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, n. 1, 2004.
- ROSA, A. R. “**Nós e os índices**” – um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. RAE, v. 48, n. 4, 2008.
- SILVA, T. C.; BARDAGI, M. P. **O aluno de pós-graduação stricto sensu no Brasil: revisão da literatura dos últimos 20 anos**, RBPG, Brasília, v. 12, n. 29, 2015.
- SOARES, P. C. **Contradições na pesquisa e pós-graduação no Brasil**. Estudos Avançados, 32 (92), 2018.